Flagelados do Nordeste: retalhos de vida

Displaced people from the Northeast: fragments of life

*Alzira Lobo de Arruda Campos**
*Celia Regina de Toledo Lucena***
*Patrícia Margarida Farias Coelho****
*Marília Gomes Ghizzi Godoy*****
*Vinicius Ferreira Lima******

1 INTRODUÇÃO

Os 8.515.767,049 km² do território brasileiro, ocupando quase a metade da América do Sul (47,3%), atraíram interesses do capitalismo, em suas diferentes fases e ao longo da história nacional. A presença de recursos naturais abundantes, alguns ocupando o primeiro lugar em termos planetários, como nos casos da biodiversidade e da floresta tropical; outros, tais como a água doce superficial (12% da totalidade mundial), as terras

* Mestra e Doutora em História Social (USP/SP); Livre-docente em Metodologia da História (UNESP/FRANCA); Docente na Universidade Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7264-9368 ; e-mail: loboarruda@hotmail.com

** Doutora em História Social. Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos-USP, CERU-USP. Mediadora do GEMI - CERU (Grupo de Estudos Migrações e identidade). Com pesquisas em migrações, memória, cultura, identidade e comida migratória.

Orcid: 0000000306515630 e-mail: celialucena@usp.br

*** Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Docente na Universidade Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1662-1173 ; e-mail: patriciafariascoelho@gmail.com

**** Mestra em Antropologia Social (USP/SP); Doutora em Psicologia Social (PUC-SP); Docente da Universidade Brasil (UNISA/SP). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9546-1683; e-mail: mgggodoy@yahoo.com.br.

*****Mestre em Ciências Humanas (UNISA). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1543-5889 ; e-mail: vfl2005@hotmail.com

raras e os minérios em geral, em proporções significativas para a economia global, produziram diferentes modelos de colonização, todos eles marcados pelo uso abusivo da terra e pela exploração da mão de obra. Florestas deram lugar a pastos, à mineração, a plantações monocultoras e latifundiárias, concentrando capitais e socializando riscos, em benefício de poucos e prejuízo de muitos. O enfraquecimento da terra e a poluição das águas impactaram dramaticamente os pequenos produtores, as populações ribeirinhas e os povos originários, contaminando águas e matando peixes.

É esse o painel sombrio ao qual se articulam, com primazia histórica, as secas nordestinas, dado que se registram já nos primeiros tempos da colonização portuguesa, colocando à luz do dia as extremas desigualdades sociais existentes no Brasil, a demonstrar que cataclismos climáticos atingem a todos, mas não de maneira igualitária. Os acontecimentos de longa duração, como as secas, podem nos ajudar a entender problemas e soluções aventados em diversas épocas, contribuindo para que não se repitam erros objetivamente constatados. Com esse fim, procuramos, neste artigo, contribuir com os estudos sobre os flagelados das secas, a partir do conceito de migração, entendido por Sayad, em seus aspectos infra e superestruturais objetivos e subjetivos. A noção de migração é lastreada conceitualmente no amplo debate atual sobre os deslocamentos internos/externos de populações tangidas por necessidades de sobrevivência de amplo espectro, mas que produzem uma categoria semelhante de pessoas, categoria, em geral, analisada interdisciplinarmente. Neste artigo, a conexão entre disciplinas se efetua a partir de um eixo histórico-sociológico posto em rede com outras ciências humanas, como a literatura popular. Esta compõe, juntamente com leis, decretos, regulamentos e outras posturas oficiais, o polo empírico selecionado.

2 METODOLOGIA

Em 2000, Eva Blay indicou a insuficiência de publicações sociológicas versando sobre a imigração, quando haveria necessidade de maior empenho acadêmico em um país com uma população constituída por "levas imigratórias". Os primeiros trabalhos, de inícios do século XIX, constituíam ensaios que buscavam incentivar a política governamental para incorporação de trabalhadores livres. Apenas ao terminar o século, surgiram estudos demográficos e geográficos, que buscavam avaliar o perfil populacional e a distribuição das atividades econômicas de brasileiros e estrangeiros. Nesse sentido, alinharam-se estudos médicos e ensaios de cunho racial/racista, preconizando os incentivos à imigração de europeus, para o branqueamento

e a melhoria do povo brasileiro. Na metade do século XIX, o estudo da imigração em massa se constituiu em objeto de pesquisa da sociologia e antropologia (BLAY, 2000).

Nos decênios finais do século passado e nos iniciais do atual, o desenvolvimento da extrema direita colocou, em suas linhas de frente, o combate à imigração, desenvolvendo um nacionalismo "puro", de raízes inquietantes no mito da "raça pura", ideia integrante de regimes ditatoriais e pensadores eugenistas, considerados superados há décadas. Fronteiras nacionais se enrijeceram e medidas policiais foram estabelecidas a fim de impossibilitar a entrada de emigrantes na Europa e nos Estados Unidos, lançando homens, mulheres e crianças nas águas do Mediterrâneo ou, caso desembarcadas, em campos de concentração. Esses eventos passaram a frequentar assiduamente a mídia, suscitando, ademais, a produção acadêmica sobre fluxos migratórios.

No amplo painel acima delineado, este artigo pretende estudar os aspectos sociais, econômicos e políticos das secas nordestinas, com fulcro na identidade dos flagelados, adotando um quadro teórico/metodológico interdisciplinar, tendo por base conceitos sobre a migração ocasionada por eventos climáticos e desigualdades sociais – extremas e atávicas da história nacional —, colocadas na boca de cena pelas grandes secas do nordeste cearense.

Migração, conceito-chave desta reflexão, é entendido na acepção de Sayad como um "processo total", isto é, a ser visto em face das condições que levam da emigração até as formas de inserção do imigrante no país para onde vai (BLAY, 2000).

A partir desse conceito, Sayad contesta a ideia de a migração ser avaliada como um problema social a ser solucionado de modo rápido, indicando que ela deve ser observada como um fenômeno produzido por um longo processo histórico, diretamente atrelado à herança colonial que concentrou poderes na mão de poucos. Com essa vertente teórica, Sayad e Bourdieu contestam a ação dos colonizadores franceses como a de "pacificar" os argelinos, estabelecendo formas compensatórias relativas às desigualdades locais, mas que levou, de fato, ao desenraizamento de uma população campesina organizada em torno de uma economia tradicional, lançando-a em um contexto distinto, mediado pelo salário, pela propriedade privada e por novos modos de trabalho e consumo. Assim, surgiu um êxodo rural em direção às periferias dos grandes centros argelinos e franceses. Nessa conjuntura, migrar "foi a forma encontrada por esses campesinos, já desenraizados, para resistir ao desmanche de suas estruturas familiares, de suas práticas cotidianas e de seus saberes agrícolas" (BOURDIEU; SAYAD, 2013).

Os resultados das pesquisas efetuadas por Sayad e Bourdieu resultaram na publicação de *Travail et Travailleurs en Algérie* e *Le Déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (BLAY, 2000). A linguagem textual de Sayad/Bourdieu é clara: o significado de "migração" abrange tanto os fluxos migratórios internos, quanto os externos, aplicando-se, sem contorcionismos, aos retirantes da seca, de suas fugas iniciais do campo para as cidades e destas para outros estados, especialmente sulistas, mas também para o Amazonas. Ademais, a migração guarda relação direta com processos históricos que situam países subdesenvolvidos e suas populações em condições marginais na divisão internacional do trabalho, dialeticamente verificada ao longo da história da fome e secas nordestinas no Brasil, como abaixo se destaca.

Geografia da Fome, de Josué de Castro, um livro seminal para a análise da fome não como um fenômeno natural, mas como um problema social, econômico e geográfico, propõe o argumento de que a fome não é causada pela falta de alimentos, mas, sim, pela má distribuição de recursos e desigualdades sociais (CASTRO, 1948). Castro aprofunda esse argumento em *Geopolítica da Fome*, introduzindo os conceitos de áreas de fome endêmica e epidêmica, realçando a importância da geografia para o entendimento da fome e da subnutrição históricas no Brasil (CASTRO, 1954).

É preciso sublinhar que, quando se estuda a migração nordestina, a representação social invoca o tripé imaginário Nordeste-seca-migração, contribuindo para "criar a invisibilidade histórica em torno do migrante" como se tudo decorresse de uma instância econômica social natural (GUILLEN, 2001). Daí a importância em ouvir as histórias de vida dos flagelados, registradas em depoimentos recolhidos por folcloristas e sociólogos, ou em cantigas sertanejas, compostas por autores populares, como Patativa do Assaré.

As memórias de migrantes internos possibilitam que se chegue a elementos identitários dos retirantes das secas consistentes com o "lugar de fala", conceito empregado com frequência pelas ciências sociais das últimas décadas.

Com base no prisma acima delineado, seleciona-se um universo empírico, integrado pela literatura de cordel e obras folclóricas, avaliado à luz da tecnicidade sociológico-folclórica, proposta por Leonardo Mota e Assaré, entrelaçando a história com a literatura, a linguagem dos autores com a fala dos personagens, a fim de recuperar, nos limites permitidos pelas fontes utilizadas, vozes e vivências dos migrantes brasileiros.

A reunião da fala "culta" com a popular tem sido amplamente utilizada nas ciências humanas, especialmente pela história e literatura, ambas interessadas em ver a linguagem popular como via essencial para

a compreensão das ideias e emoções do proletariado, como faz Jorge Luís Borges, ao começar a escrever sobre os marginais de Buenos Aires "histórias diretas, que nada tinham de ensaio":

> A história é narrada de maneira direta, e são (as histórias), num certo sentido, tristes, talvez horríveis. [...] São contadas por pessoas que também são marginais, e você mal as compreende. [...] Eles meramente contam a história, e o leitor, suponho, é levado a ter a sensação de que a história vai mais fundo do que a própria história. Nada é dito sobre o sentimento dos personagens – tirei isso da saga nórdica arcaica – a ideia de que você deve conhecer um personagem por suas palavras e seus atos, sem invadir seu crânio e dizer o que ele estava pensando [...] existe uma psicologia oculta por trás da história, porque senão os personagens seriam meros joguetes (BORGES, 2011, v. 1, p. 171).

3 MIGRAÇÕES INTERNAS: "FLAGELADOS DA SECA"

Impactos causados por catástrofes climáticas (secas, enchentes, incêndios, erupções vulcânicas) ou políticas (guerras, revoluções) sobre populações de países em desenvolvimento têm produzido fluxos migratórios contínuos do campo para a cidade, de zonas pobres para regiões ricas. Trata-se de um dos fenômenos de longa duração, no tempo e espaço históricos. Nesse painel, figuram as consequências adversas da instalação do capitalismo mercantilista da modernidade, ao intensificar as relações entre a Europa e suas colônias americanas, transformando o continente americano em receptáculo de milhões de africanos, agrilhoados em navios negreiros e encaminhados às fazendas, minas ou zonas urbanas dos impérios coloniais. Desterritorializados duplamente – de suas nações natais e da nação receptora – os africanos forneceram as bases para a riqueza das metrópoles europeias, desorganizando suas comunidades de origem e sendo coisificados pelo sistema escravista.

Tais crises, que afetaram os novos estados, politicamente independentes, deixaram o mundo mais ou menos indiferente, até que a política anti-imigração dos países desenvolvidos atraísse a atenção de autores internacionais sobre o drama dos migrantes, mortos na caminhada para alcançar regiões que lhes garantissem direitos humanos fundamentais, sem a concessão da cidadania que lhes fora acenada pela bandeira da "civilização contra a barbárie" ou prometida por alguns países colonizadores, como França e Portugal.

As migrações internas, por sua vez, apresentam questões que se aproximam de modo inquietante de suas congêneres internacionais. Como sempre, as desigualdades estão na base do fenômeno migratório: populações malnutridas, equilibrando suas necessidades alimentícias com possibilidades mínimas de atendimento, partem de zonas pobres em direção a regiões ou países ricos.

No Brasil setecentista, estiagens severas atingiram as capitanias do Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte, provocando a morte de grande número de homens, mulheres e crianças, vitimados pela fome, fazendo com que fiscais da Câmara da Paraíba solicitassem ao rei o envio de mais escravos para a região, porque os antigos morreram de fome (BARRETO, 2009).

No século XIX, entre os anos de 1877-79 ocorreu a "Grande Seca" da Região Nordeste do Brasil, que abalou as estruturas do Segundo Reinado (1840-89), já enfraquecidas com a Guerra do Paraguai (1864-70) e o movimento abolicionista. A seca produziu entre 400.000 e 500.000 mortos, ao mesmo tempo em que 190.000 indivíduos foram deslocados de suas localidades de origem. Das 800.000 pessoas que habitavam a área afetada do Nordeste, 120.000 se transferiram para a Amazônia e 68.000 para outras partes do território nacional. A província do Ceará foi a mais afetada, tendo passado três anos sem chuva. Portanto, sem plantios, sem colheitas, com a destruição de rebanhos, as famílias fugiram, despovoando o sertão.

Na grande seca de 1932, foram construídos sete campos de concentração, em pontos estratégicos, situados às margens das linhas férreas de seis municípios cearenses (Fortaleza, Crato, Ipu, Quixeramobim, Cariús e Senador Pompeu), destinados a conter os retirantes do interior do estado, que buscavam chegar à capital, atraídos por propostas de emprego e promessas de assistência médica e alimentação.

Instalados em lugares insalubres, mal alimentados pelas rações enviadas pelo governo, os flagelados eram reféns de uma política higienista, iniciada em períodos de estiagem severa. Foi o que aconteceu na seca de 1877-79, quando mais de cem mil retirantes de todo o estado migraram para Fortaleza, cuja população totalizava trinta mil habitantes, de acordo com o censo de 1872. As medidas repressivas então adotadas se aperfeiçoaram na estiagem de 1915, quando a elite político-econômica cearense criou os primeiros campos de concentração, a fim de impedir que pessoas vistas como "potenciais portadoras de doenças" ou saqueadoras de mercados ameaçassem a tranquilidade pública de Fortaleza.

Nova estiagem, em 1932, levou o jornal cearense *O Povo*, em edição de 20/6/1932, a publicar uma reportagem – o "Efetivo dos Campos de Concentração dos Flagelados"–, informando que as pessoas internadas em campos de concentração atingiam o total de 73.918, assim distribuídos:

Tabela 1 Campos de concentração no estado do Ceará, em 1932.

Municípios	Campos de concentração	Números absolutos	Porcentagens
Ipu	Ipu	6.507	8,80
Fortaleza	Alagadiço e "Do urubu"	1.800	2,45
Quixeramobim	Quixeramobim	4.542	6,14
Senador Pompeu	Patu	16.221	21,94
Buriti, no Crato	Buriti	16.200	21,91
Cariús	Cariús	28.648	38,76
Total	---	73.918	100

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras. Fonte: Jornal *O Povo*, edição de 20/6/1932, *apud*: AMORIN, Géssica. Apagados da história oficial, campos de concentração da seca de 1932 estão marcados na memória popular. **Marco Zero**, 20/05/2022.

O campo Patu, com 16.221 concentrados, ultrapassou o número de habitantes do município Senador Pompeu e contava com as seguintes construções: o casarão dos inspetores da obra, duas casas de pólvora, um armazém, a estrutura de um hospital desativado, uma usina, um cemitério e uma estação de trem. Hoje, o açude do Patu tem por finalidade principal abastecer de água a cidade. De acordo com o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), o projeto de construção do açude é datado em 1919, com as primeiras escavações iniciadas em 1921. Entretanto, essas obras foram paralisadas em 1923, tendo sido retomadas apenas em 1984 e, por fim, concluídas em 1987.

Fortaleza se desenvolvera como centro urbano, desde finais do século XIX, com o cultivo do algodão, responsável por um êxodo rural que elevou a sua população para 30.000 habitantes. Com a grande seca de 1877-79, cerca de 100.000 retirantes migraram para a capital, pondo em risco o equipamento urbano da cidade e provocando a elaboração de uma estratégia de defesa dos citadinos para conter os flagelados, uma das quais era o confinamento dos retirantes em campos de concentração.

Kênia Rios estudou relatórios oficiais da Interventoria do Ceará, publicados em oito jornais da época (*Gazeta de Notícias*, *O Povo* e *Correio do Ceará*, entre outros) verificando que a expressão "campo de concentração" foi utilizada pela primeira vez, em 1915, como referência a um espaço de contenção de flagelados da seca (RIOS, 2014).

A maior seca da história do Brasil, a de 1877-79, vitimou entre 400.000 e 500.000, além de deslocar cerca de 190.000 pessoas. A Região Nordeste do Brasil, que foi a afetada, teve a maior incidência dessa catástrofe climática na

província do Ceará. Durante os três anos sem chuvas, portanto, sem plantios e colheitas, além da perda de rebanhos, a população total da região, de 800.000 pessoas, perto de 120.000 migraram para a Amazônia e 68.000 para outras partes do Brasil.

Rodolfo Teófilo, escritor cearense, relata que, parado em uma esquina, viu passarem 20 cadáveres, ajuntando que, "as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco: e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura". As notícias chegaram à Corte e levaram o imperador a declarar que não sobraria nenhuma joia da Coroa, mas nenhum nordestino morreria de fome (WIKIPÉDIA, 2025).

Uma comissão de engenheiros, enviada pelo governo imperial ao Nordeste, determinou a perfuração de poços, a construção de açudes ou barragens, o armazenamento de água e a construção de estradas de rodagem e de ferro. O Açude Cedro foi uma das primeiras grandes obras ordenadas por D. Pedro II, mas o início de sua construção ocorreu entre 1890 e 1906, durante a República, portanto.

Mais uma grande seca, no ano de 1915, levou à criação do campo de concentração de Alagadiço, nas proximidades de Fortaleza, com 8.000 retirantes, sob o pretexto de lhes dar assistência, mas, na verdade, com o intuito de preservar a cidade para seus moradores.

Com o desenvolvimento da capital do Estado, a elite passou a pressionar o governo para organizar uma política urbana apta a controlar a presença e circulação de indivíduos que pediam esmolas, considerados como transmissores potenciais de doenças ou como saqueadores de mercados.

Nos termos acima, a pressão por privilégios dos detentores do capital se transformou em políticas públicas de rejeição aos retirantes, por meio da qual mais sete campos de concentração foram instalados, na grande seca de 1932, pelo Estado do Ceará e o Ministério de Viação e Obras Públicas, dos governos de Getúlio Vargas, entre 1932-45 e 1951-54. No confinamento, os flagelados permaneciam sob vigilância contínua, saindo apenas para trabalhar em obras públicas ou em engenhos da região, recebendo, em troca, apenas uma refeição por dia trabalhado (RIOS, 2014).

Seis dos campos localizavam-se nas proximidades da Estrada de Ferro de Baturité, que permitia que os flagelados chegassem a Fortaleza. O primeiro trecho dessa ferrovia foi aberto em 1872, transportando passageiros até meados de 1980. Nos campos, concebidos para receber até 3.000 pessoas, havia uma superpopulação amontoada em ranchos cobertos por palha, sem condições de higiene ou sanitárias (RIOS, 2014).

Para o campo de Patu, que dispunha de barracões de alvenaria, estima-se que a metade dos retirantes que abrigou morreu em consequência da fome ou de doenças, tais como tifo e sarampo, tendo sido enterrada em valas coletivas. Entrevistas com sobreviventes e relatos de padres, registrados em livros paroquiais de algumas igrejas da região, informam que os padres que visitavam os campos ministravam a extrema-unção para dezenas de pessoas, diariamente. Com a chegada das chuvas em 1933, uma parte dos retirantes regressou a seus lugares de origem, com passagens pagas pelo governo, mas muitos se dirigiram a Fortaleza, ampliando a favelização dessa cidade (RIOS, 2014).

Após a Segunda Guerra Mundial, a condenação dos campos de concentração e extermínio nazistas fez desaparecer muitos dos documentos relativos aos campos cearenses, substituídos, na política pública, pela construção de moradias populares em zonas periféricas de Fortaleza.

A criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959, deu ensejo a discussões sobre as formas de responder à seca com políticas de irrigação e projetos de açudes. Essas políticas (e, claro, a frustração das expectativas dos migrantes) podem ajudar a entender as causas do retorno de 1.800.000 para o total de 2.300.000 retirantes, instalados na cidade de São Paulo, segundo o Censo de 2010. Portanto, permaneceram na capital paulista 500.000 nordestinos.

O balanço terrível dos seis anos de matanças e destruições no pós-guerra deixou em segundo plano as discussões sobre os campos de concentração de flagelados, contribuindo para que sua memória caísse no esquecimento. Mesmo os habitantes dos locais em que se instalaram esses campos desconhecem a história da política de confinamento obrigatório de uma das parcelas mais sofridas dos brasileiros.

A política de obras contra a seca beneficiou especialmente os latifundiários, sem desenvolver ações de caráter social para a população trabalhadora, fato denunciado pelos técnicos do DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas), que defenderam a implementação de uma agricultura irrigada pelos sangradouros dos açudes.

Nessa linha, instalaram-se culturas de bananeira, algodoeiro, tomateiro e de frutas em geral, à jusante dos açudes, a fim de prover as necessidades da população local e de fornecer subsídios para a manutenção de minifúndios. Portanto, tratava-se de uma política social dependente da desapropriação dos latifúndios, política avessa aos interesses dos grandes proprietários de terra e que o governo considerou não ser possível executar. Em consequência, o DNOCS ficou desacreditado, ao deixar claro à população visada pelo programa que as medidas preconizadas foram aplicadas de modo apenas paliativo e não suficiente para o enfrentamento dos problemas que se propunha a

resolver. Ademais, havia o agravante de as verbas destinadas às vítimas da seca terem sido desviadas para os "industriais das secas", isto é, políticos influentes, latifundiários e grandes comerciantes.

As secas de 1952 e 1958 provocaram novas medidas, a primeira das quais criou o Banco do Nordeste do Brasil, a fim de desenvolver o crédito no Polígono das Secas, quando o governo se convenceu de que os problemas das secas não se limitavam à degradação do clima, mas se estendiam para questões sociais.

Na seca de 1958, ocorrida durante a presidência de Juscelino, com o plano de conquistar 50 anos de desenvolvimento em cinco, houve a nomeação de um Grupo de Trabalho, dirigido por Celso Furtado, para apresentar soluções para o problema. Como resultado, surgiu um documento – que demonstrava ser social – e não climático – o problema básico do Nordeste, em consequência de uma estruturação econômica, política e social atrasada, que impedia a socialização de benefícios sociais, impedindo que a população despossuída pudesse sobreviver ao impacto das secas.

A partir dessas constatações e aconselhamentos, criou-se a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), que se empenhou em desenvolver a infraestrutura material da região, implementando vias de transporte, industrialização e serviços, acompanhadas por uma política de democratização do uso do solo, a fim de aumentar a produção e distribuir os seus proventos pelo povo.

Como seria de se esperar, essa política enfrentou forte resistência dos apaniguados de toda espécie, contra a qual a SUDENE, diretamente ligada à Presidência, procurou resistir, alcançando sucesso em algumas áreas. Porém, com o golpe de Estado de 1964, a SUDENE, olhada com desconfiança pelos militares, foi incorporada ao Ministério do Interior, perdendo muito de sua autonomia.

Por fim, com a reinstalação do regime democrático, em 1985, a SUDENE passou a dar assistência aos governos estaduais, administrando a aplicação de incentivos fiscais a grandes projetos agrícolas e industriais, afastando-se, em decorrência, da problemática nordestina que esteve na base de sua criação. No campo de atuação assim definido, alguns dos diretores da SUDENE desenvolveram o programa POLONORDESTE, que deveria fortalecer os pequenos e médios produtores, mas que acabou por não obter sucesso algum a esse respeito.

No ano de 1970, nova seca provocou a criação do Projeto Sertanejo, pelo governo federal, visando a voltar para o mercado externo as pequenas explorações agrícolas. No entanto, os resultados desse projeto foram negativos, uma vez que desorganizaram uma economia voltada fundamentalmente ao abastecimento interno.

Fracassos sucessivos da SUDENE, do POLONORDESTE e do Projeto Sertanejo se tornaram mais visíveis com a grande seca de 1979-84, quando as estruturas existentes não foram capazes de fornecer uma assistência eficaz aos flagelados. De fato, uma vez que, para evitar a emigração das vítimas da seca, organizaram-se frentes de trabalho, que reuniam homens e mulheres para grandes obras de construção (açudes, pontes, estradas etc.), em benefício das mesmas elites do passado, uma vez que os trabalhadores recebiam apenas a metade de um salário mínimo, à evidência, muito aquém de suas necessidades de sobrevivência. Assim, a indústria da seca perdurou em mãos de seus donos históricos, apesar de avanços verificados durante os governos Lula, como a construção de cisternas para armazenar a água das chuvas, em regiões que não dispõem de fonte de água permanente, limpa e fácil de tratar, proposta pelo P1MC (Programa 1 Milhão de Cisternas), lançado, em 2003, pelo presidente Lula e originalmente suscitado pelo desempenho exitoso da ONG ASA (Articulação do Semiárido). O P1MC desenvolveu-se no município de Juazeiro, situado na bacia do Baixo Salitre, na Bahia, com resultados relevantes, uma vez que, até o ano de 2009, construiu mais de 266.000 cisternas, em 6.078 municípios, beneficiando significativamente 292.000 famílias (PASSADOR; PASSADOR, 2010).

3.1 Literatura de cordel e secas do Nordeste: o lugar de fala dos flagelados.

"Flagelados da seca" é uma expressão utilizada para se referir às pessoas afetadas pelas secas no Nordeste brasileiro, especialmente durante o século XX. Esses flagelados eram, em sua maioria, retirantes que deixavam suas terras devido à falta de água e comida, buscando refúgio e ajuda em centros urbanos. A situação muitas vezes levava a condições de extrema pobreza e miséria, com a criação de campos de concentração para controlar a população.

As relações entre literatura e história têm-se modificado nas últimas décadas, tendo em vista as relações entre ficção e realidade e com os interesses sobre a cultura popular, em suas conexões com a cultura erudita, linha que entrelaçou a produção literária clássica com a produção popular, em temas sensíveis às estruturas de classe do mundo moderno. A busca por identidades próprias de pessoas integrantes de camadas desprivilegiadas da população caminhou da visão folclorista para a acadêmica, produzindo saberes relativos à arte de escrever de estratos comumente invisibilizados pela literatura acadêmica, em especial no que se convencionou chamar de "lugar de fala", conceito empregado por estudos cada vez mais frequentes na produção acadêmica.

Livros de valor literário indiscutível, tendo por objeto os flagelados nordestinos (*A Bagaceira*", de José Américo, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, entre outros), permitem que emoções intervenham nas histórias de vida das personagens e no entendimento das circunstâncias sociológicas e políticas de um desastre climático durável.

Sobre esses temas, o povo "miúdo" compôs, recitou e cantou histórias, decoradas por "cantadores" profissionais, que as difundiam em feiras e festas coletivas, tecendo uma história oral que se encontra fixada na escrita dos cordéis. É uma memória da migração, intrinsecamente ligada ao migrante, mas, também uma história ligada à dominação, na qual a língua funciona como uma arma do colonizador para exercer o seu domínio sobre o colonizado.

A colonização, como regime de poder, exerce-se entre nações, mas também entre classes, uma vez que as camadas superiores estendem seus poderes sobre a fala. Assim, a linguagem culta é uma modalidade das mais temíveis do exercício do poder. No Brasil, o português se impôs no regime escravista do "cale-se", do silêncio imposto a trabalhadores braçais, "em meio à superexploração dos ecossistemas naturais, à desumanização ontológica dos cativos africanos, ao racismo institucionalizado e aos atentados permanentes do colonialismo" (CHAMOISEAU, 2025, p. 74). Nessa vertente, o discurso colonial transformou o conceito de identidade "numa arma de destruição em massa" de culturas, línguas, crenças e hábitos da diversidade cultural do mundo conquistado, em proveito da hipervalorização identitária dos ocidentais, com os seus valores tomados como absolutos (CHAMOISEAU, 2025, p. 75).

Obras literárias são fontes inestimáveis para a história das secas no Nordeste, demonstrando como um fenômeno climático adverso aponta para as desigualdades sociais, tomando contradições de classe na esfera da alienação do trabalhador não só operante nos resultados de seu trabalho, mas do próprio trabalho. Portanto, da perda do capital humano como tal, criando as ondas migratórias de nordestinos para outras regiões que lhes são estranhas e, por sua vez, nas quais serão "estranhados". Foucault, mais uma vez, vem ao nosso encontro, ao contribuir para a história das ideias, linguagem e loucura, chegando a "duas pérolas filosófico-literárias sobre as 'heterotopias' e o 'corpo utópico', de modo tão "surpreendente que às vezes até parecem impossíveis", fornecendo "a chave de sua compreensão da literatura não só como representação, documento social ou histórico, mas como pensamento original, desvio e singularidade". Foucault reconfigura a linguagem mais banal e cotidiana, a fim de revelar "sentidos e mundos que a princípio não existiam, não eram visíveis nem estavam representados nas palavras – a começar pelo poder generativo da própria linguagem" (CARVALHO, 2025, 3).

A seca de 1919 é prevista por um velho iguatuense, expressando a inação das autoridades quanto a medidas que se faziam necessárias, tendo em vista que o povo, com a experiência acumulada sobre um fenômeno climático que atingia o Nordeste há séculos, previa a chegada de novo cataclismo:

> O negóço não vai de caçoada, não. A lagoa daqui inda não tomou água que desse pra dá nos peito dum peba. Este ano, se fô seca, é das drobada. Qual 15! Cadê pastage, cadê legume? Agora eu só me desengano, dia de São José. Se não chovê, dia de São José, podem se despedi que o rebentão 'tá decretado. Já as ispriença de Santa Luzia fôro de fazê pena. Vamincê vê: de noite relampeia, amanhece bonito, premete, mas depois se arrepende. Quem vê a carregação dos nivoeiro, quem vê os torreame, diz que a chuva vem anêxa. Mas qual! É assim: é esse solzão doido e esse vento solto no mundo! Daí, pode sê. No 17 deu-se disso: coidavam que era seca e só que faltou foi morrê tudo atolado... Eu só ando desconfiado porque os antigo dizia: "19, 20 ou 21!". Pra mim, se não fô seca, este ano, é prô ano, e, se não fô prô ano, é no outro prô ano (MOTA, 1987, p.256).

Em fins de 1915, a seca entrara em seu auge e centenas de flagelados se preparavam para emigrar, reconhecendo que o "Ceará é terra do principêia: a gente almoça mas não ceia! Querê vive no Ceará é mermo que a gente querê se atrepá em pau de sebo" (MOTA, 1987, p.257).

O poder generativo que se apresenta como representações de sentimentos do próprio flagelado em busca de sobrevivência é retratado por artistas de diversas áreas culturais, com prevalência na literatura, teatro e artes plásticas, através de suas consequências materiais (doenças, morte, perda de bens, luta contra a crise climática) e espirituais (saudade, estranhamento no local imigratório, preconceitos). Em paralelo aos romances eruditos da década de 1930, a literatura de cordel registra a história do flagelado da seca nordestina, fazendo coincidir e aprofundando as interpretações sociológicas sobre o retirante, na medida em que lhe concede o lugar de fala, como podemos ver na "Triste Partida", do poeta Patativa do Assaré, conhecida pela música popularizada por Luiz Gonzaga, da qual se reproduzem alguns sonetos no quadro abaixo:

Quadro 1. Versos extraídos do poema *A Triste Partida*.

Passou-se setembro outubro e novembro estamos em dezembro meu Deus, que é de nós? assim diz o pobre do seco Nordeste com medo da peste e da fome feroz [...] Sem chuva na terra descamba janeiro até fevereiro no mesmo verão reclama o roceiro dizendo consigo: meu Deus é castigo não chove mais não. [...] Nós vamos a São Paulo que a coisa está feia por terra alheia nós vamos vagar se o nosso destino não for tão mesquinho pro mesmo cantinho nós torna a voltar	Venderam o burro jumento e cavalo até mesmo o galo venderam também e logo aparece um feliz fazendeiro por pouco dinheiro lhe compra o que tem Em cima do carro se junta a família chega o triste dia já vão viajar a seca é terrível que tudo devora lhe bota pra fora do torrão natá [...] Assim vão deixando com choro e gemido seu norte querido um céu lindo azul o pai de família nos filhos pensando o carro rodando na estrada do sul [...]	Chegaram em São Paulo sem cobre e quebrado o pobre acanhado procura um patrão só vê cara feia de uma estranha gente tudo é diferente do caro torrão [...] O pai de família ali vive preso sofrendo desprezo e devendo ao patrão o tempo passando vai dia e vem dia aquela família não volta mais não Se por acaso um dia ele tem por sorte notícia do Norte o gosto de ouvir saudade no peito lhe bate de molhos as águas dos olhos começam a cair	Distante da terra tão seca mas boa sujeito a garoa a lama e o paul é triste se ver um nortista tão bravo viver sendo escravo na terra do Sul

Fonte: ASSARÉ, Patativa do. Cordéis. Fortaleza: EUFC, 1999.

É oportuno frisar que a linguagem popular inclui "o enigma do contador", poucas vezes desvendado, uma vez que as pessoas humildes, em geral, passam anônimas pela história. Esse enigma aparece desvendado no poema acima: o contador é um sujeito coletivo e a sua voz é a de todos os esfomeados da seca ou esfomeados em geral do povo brasileiro.

Com efeito, pois foi apenas em 2024 que o Brasil saiu do Mapa da Fome da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), depois de três anos em que figurava nessa "lista vergonhosa" (O Globo, 3-8-2025, p. 2). No período de 2022 a 2024, menos de 2,5% dos brasileiros apresentaram falta de acesso suficiente à alimentação ou risco de subnutrição, o que significa que uma parcela faminta da população pode atingir o total absoluto de 5.300.000 pessoas. Em comparação com cifras passadas, a diminuição de esfomeados constitui um retrato positivo do presente, mas passível de piorar, como tantas vezes já aconteceu no passado recente: em 2014, o país, pela primeira vez, deixou o Mapa da Fome, assim continuando até 2018; porém, de 2019-20, o Brasil retornou ao referido mapa (O Globo, 3-8-2025, p. 2). Seria necessário que as políticas públicas de atendimento às camadas pobres da população impedissem o retorno da figura dos "comedores de barro" como personagens da realidade social, tais como se encontram registrados em contos populares brasileiros:

> Encontram-se por todo canto os comedores de barro. Uns ingerem terra por demais, outros são ordinariamente sóbrios, engolindo-a lá uma vez por semana, sem grandes obrigações. Porém existem aqueles que não largam o vício diário. E anda já bem espalhada a novidade de que tudo provém de doença adquirida no meio dominado pelo impaludismo. Antigamente, no entanto – e é coisa de pouco tempo – se dizia à boca pequena que os indivíduos amarelos e inchados, velhos comedores de barros, andavam entregues a aventuras ocultas como o fute[1] cheio de caprichos esquisitos. Andavam metidos em negócios diabólicos [...]. Nas aldeias onde houvesse um pobre assim, vivendo com a maior tristeza, era logo isolado, não passando ninguém pela sua porta, nem tampouco entrando em conversas ou indagações. [...]. Porém não era malvadeza não: era fome [...] (VIDAL, 1950, p. 125).

Estigmas contra os comedores de barro transmitiam-se através da linguagem mágica, inteligível às classes populares e àqueles que as ouviam. Nas aldeias onde houvesse um pobre assim, vivendo com a maior tristeza, era logo isolado, não passando ninguém pela sua porta, nem tampouco

entrando em conversas ou indagações. A marcha da doença é discriminada com cuidado. Primeiro, o comedor de barro ficava ligeiramente amarelo, melhorando depois, quando surgia um sangue na orelha, nos lábios e na face. Entretanto, um resfriado leve devolvia-lhe a amarelidão e a febre e "por necessidade inaudita, comia barro como se comesse farinha na mesa da janta. O estado de saúde ia e vinha, piorava ou melhorava, até ficar com os olhos papudos e a barriga crescida". O que fazia com que:

> Em pouco tempo, o seu rosto ficava monstruoso e não havia quem não tivesse prevenção com essa gente [...]. Correm-se léguas para não ter contato com ele. Quando acontece residir na cidade, onde há mais vida ativa, passa despercebido das vistas fiscalizadoras, mas ainda assim experimenta seus maus pedaços [...]. Na aldeia, porém, pode arrumar as malas e ir embora – e se ficar, teimar em ficar na sua casinha de porta e janela, aguentará com as consequências de geral hostilidade: ninguém quer a sua aproximação, nem procura auxiliá-lo, dar-lhe esmolas ou facilitar-lhe meios de cura. Pelo contrário, podendo, ainda agrava a situação do infeliz, desde que a única preocupação dominante é o seu desaparecimento definitivo. Só com a morte se poderá conseguir tamanho desejo (VIDAL, 1950, p. 159-160).

A fome aparece como tema constante na literatura, como base para estigmas e preconceitos contra os subalimentados, presentes na literatura acadêmica e na fala dos cantadores:

> A pobreza no Brasil
> Terá muito que sofrer,
> Porque se vai numa venda
> O dono custa a vender,
> O sujeito mete os pés:
> — "Carne velha[2] é a dois mil réis!
> E ninguém pode comer.
>
> O pobre é quem paga o pato,
> Judiado que é um horror...
> O rico milionário
> Nada faz a seu favor!
> E o pobre somente teme
> Porque, quando o rico geme,
> O pobre é quem sente a dor...
> (MOTA, 1987, p. 134).

Os desafios são igualmente fontes preciosas para se compreender a identidade das pessoas pobres em seus sonhos e desejos de se afirmarem como vencedores. Os versos abaixo foram escolhidos de um desafio que durou oito dias, entre dois cantadores: o branco Francisco Romano e o negro Inácio da Cantigueira:

– Inaço, que andas fazendo
Aqui nesta freguesia,
Cadê o teu passaporte,
A tua carta de guia,
Cadê a tua famia?

– Seu Romano, eu sou cativo,
Trabaio pra meu sinhô...
Quando vou pra uma festa
Foi ele quem me mandou,
E quando saio escondido
Ele sabe p'r'onde eu vou.

– Inaço, deixa-te disto,
Não te posso acreditá,
Pois eu também tenho nego
E só mando trabaiá...
Como é que teu sinhô
Vai te manda vadiá?
(MOTA, 1987, p. 143-144).

Mais desafios entre brancos e negros levantam o estigma da escravidão para humilhar seus oponentes, necessariamente livres, que aceitam a adjetivação como se fosse real:

Você me chama de nego
Do cabelo pixaim,
Queria que ocê dissesse
Que dinheiro deu por mim...
[...]

Cantadores brancos aprofundam o insulto em desafios que seguem o mesmo bordão:

Nego que cantá comigo
Lave a boca com sabão,
Se não lavá bem lavada,
Comigo não canta não...
(MOTA, 1987, p. 176).

Negro danado
Só é Simão:
Correu no mato
Sem tê gibão;
Açoita os outro
Sem precisão;
'tá bebo, negro?
'tá bebo, cão?
Falas cos outro,
Comigo não?
Negro cativo,
Não tem razão...
Todo moleque
Dá pra ladrão.
(MOTA, 1987, p. 198).

A memória da escravidão se apresenta como se fosse realidade, nos duelos entre os cantadores brancos e pretos. Os primeiros se utilizam do *fake* histórico de "escravo" para vencer seus opositores, enquanto estes, aparentemente, aceitam o falseamento da realidade histórica, usando outras armas para vencer o desafio. A cor, portanto, constituía uma marca infamante, de uso vulgar nas relações entre cantadores, fornecendo um retalho de uma sociabilidade de mando, mesmo no interior da mesma categoria social.

Como se constata na literatura popular, a expressão "flagelados da seca" indica pessoas afetadas pelas secas no Nordeste brasileiro, frequentemente retratadas como retirantes forçados a abandonar suas terras e famílias, em busca de sobrevivência em regiões mais ricas. A literatura de cordel, com sua linguagem popular e acessível, aborda essa temática com grande sensibilidade, explorando o sofrimento, a luta pela sobrevivência e a esperança dos flagelados. O processo da produção literária de cordel pode ser avaliado como a narrativa entre um objeto e sua expressão, resultando no efeito do real desejado pelo autor (BARTHES, 1972).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há séculos, levas de migrantes brasileiros têm-se deslocado de suas terras natais, tangidos por tragédias ecológicas, configurando uma migração interna de províncias/estados mais pobres para outros mais ricos. Entre esses migrantes, destacam-se os flagelados das secas nordestinas, que se encaminharam para regiões mais ricas do território nacional. Tais fluxos migratórios puseram a descoberto mazelas profundas das instituições econômicas, políticas e sociais do Brasil, com a consequente adoção de

medidas paliativas destinadas a conjurar os males advindos de mudanças climáticas. Nesse campo, a presente investigação centraliza-se na análise das levas de flagelados da seca, deslocados da zona rural para cidades grandes, de províncias/estados pobres para outros mais ricos, circunscrevendo-se ao caso cearense, quando fluxos migratórios famélicos se dirigiram para regiões melhor aquinhoadas, inquietando os donos do poder. Deslocados de seus *habitats* naturais pela tragédia ecológica, os migrantes viram-se envolvidos em outra tragédia, não menos calamitosa: as desigualdades sociais extremas preexistentes ao cataclismo da seca, que os submetiam a condições subumanas de existência. Em obediência a interesses das elites locais, os flagelados foram amontoados em campos de concentração criados no Governo Vargas, sob a alegação de serem "assistidos", mas, na verdade com o fim de proteger a ordem social contra saques e agitações, que punham em risco a vida civil dos brasileiros "bem-comportados".

As medidas de auxílio aos flagelados se iniciaram no Período Monárquico, mas só se desenvolveram na segunda metade do século XX, quando a República (ainda "dos coronéis") passou a desenvolver obras contra a falta de chuva, iniciando o que se convencionou chamar de "indústria da seca", uma vez que o orçamento era desviado para os bolsos das classes poderosas do Nordeste, em cujas propriedades se concentravam poços artesianos, açudes, pontes e estradas construídos. O fim do Estado Novo implicou novas estratégias de combate à seca, mas sem mudanças sociais profundas. A construção de cisternas, o financiamento do plantio e criação de gado para o atendimento às necessidades endógenas dos trabalhadores, medidas indicadas para diminuir as distâncias sociais entre uma elite privilegiada e um povo que passava de pobre a miserável, na ausência de chuva, foram aplicadas na retaguarda da defesa dos latifundiários, grandes comerciantes e políticos influentes. Com esses compromissos de classe, as políticas públicas de combate à seca continuaram intermitentes: reforçadas no segundo pós-guerra, com Juscelino Kubitschek e João Goulart; discretas, na ditadura militar; impulsionadas nas presidências de Lula. Com Bolsonaro, o conservadorismo ideológico de direita trouxe novo retrocesso a uma política de todo necessária para o desenvolvimento econômico, social e político da nação brasileira.

Entrevistas, poemas, cantigas são tomadas como retalhos de vida de um grupo representativo do proletariado, historicamente lançado de suas comunidades originárias para terras estranhas. As memórias sobre os retirantes nordestinos contribuem para um entendimento melhor sobre as relações da migração – um dos fenômenos de longa duração histórica – com cataclismos climáticos, que tornam visíveis, no passado e no presente, a realidade de uma ordem social mais interessada em atender aos interesses dos donos do poder do que às necessidades do povo.

NOTAS

[1] "Fute" é uma gíria utilizada no Brasil, principalmente na região Norte, como uma forma coloquial de se referir ao diabo ou demônio. Também pode ser usada para descrever algo diabólico ou satânico. De modo geral, é um termo informal, com conotação negativa, associado ao maligno ou ao que é demoníaco.

[2] Carne velha é carne de sol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1960.

AMORIN, Géssica. Apagados da história oficial, campos de concentração da seca de 1932 estão marcados na memória popular. **Marco Zero**, 20/05/2022. Disponível: https://marcozero.org/campos-de-concentracao-ceara-seca-de-1932/. Acesso: 09/07/2025.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis**. Fortaleza: EUFC, 1999.

BARTHES, Roland. **Literatura e semiologia:** pesquisas semiológicas. Petrópolis: Ed. vozes, 1972.

BARRETO, Pedro Henrique. História - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. **Desafios do desenvolvimento.** Ano 6, Edição 48, 10/03/2009.

BLAY, Eva Alterman. Resenhas. Imigração ou os paradoxos da alteridade. **Rev. Antropol**. 43 (1). São Paulo, 2000. https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000100009

BORGES, Jorge Luís. A arte da ficção. In: REVIEW, Paris. **As entrevistas da Paris Review**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. **El desarraigo:** la violencia del capitalismo en una sociedad rural. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

CARVALHO, Bernardo. Contraespaço. Ilustrada. **Folha de S. Paulo**, 13/7/2025, B3.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

CASTRO, Josué de. **Fatores de localização da cidade do Recife**. 1948. Tese (Concurso de Cátedra de Geografia Humana) – Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1948.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on Colonialism**. In: PINKHAM, Joan (Tradutor). Discourse On Colonialism. Nova York: Monthly Review Press, 2000, p. 29-78.

CHAMOISEAU, Patrick. O enigma do contador. Tradução de Henrique Provinzano Amaral. **Revista Piauí**, [S. l.], ed. 227, ago. 2025. Seção Questões Coloniais.

COUTINHO FILHO, F. **Violas e repentes:** repentes populares, em prosa e verso. Pesquisas Folclóricas no nordeste brasileiro. Recife: Saraiva, 1953.

O GLOBO. Editorial. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 ago. 2025. Opinião, p. 2.

GELLNER, Ernest. O Advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 107-154.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e migração no Nordeste:** reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. Trabalhos para discussão, n. 111. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Agosto 2001.

MOTA, Leonardo. **Cantadores (poesia e linguagem do sertão cearense)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

PASSADOR, Claudia Souza; PASSADOR, João Luiz. Apontamentos sobre as políticas públicas de combate à seca no Brasil: cisternas e cidadania? **Cadernos Gestão Pública e Cidadania,** v. 15, n. 56, São Paulo, 2010.

RIOS, Kênia Souza. **Isolamento e poder** – Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Museu do Ceará, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp,1998.

WIKIPEDIA. **Grande Seca.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_ Seca. Acesso em: 04/08/2025.

WIKIPEDIA. **Patrick Chamoiseau**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/ Patrick_Chamoiseau . Acesso em: 15/08/2025.

RESUMO

Os fluxos migratórios relativos às grandes secas do Nordeste brasileiro constituem um fenômeno de longa duração, que demanda novas respostas a problemas colocados pela contemporaneidade, mais consciente sobre a responsabilidade humana quanto à deterioração climática. Esta reflexão pretende contribuir para o conhecimento desse problema, de dimensão global, no âmbito circunscrito dos impactos das secas sobre a população nordestina, interpretado à luz de fontes literárias populares. Para tanto, adota-se um quadro teórico/metodológico interdisciplinar, tendo por eixo a história e a sociologia, com foco no conceito de migração, observado a partir de Abdelmalek Sayad e Pierre Bourdieu. A investigação segue as vias propostas, entre outros, por Josué de Castro, Isabel Cristina Martins Guillen, Géssica Amorin e Pedro Henrique Barreto, no sentido de compreender o papel das desigualdades sociais nas políticas de combate às secas e de atendimento aos flagelados. O universo empírico é composto por histórias de vida dos migrantes, registradas em obras populares – cantigas sertanejas, desafios, poemas, literatura de cordel – recolhidas por folcloristas, como Patativa do Assaré e Leonardo Mota. Os resultados auferidos indicam as consequências do cataclismo das secas para as classes trabalhadoras, com o aprofundamento das desigualdades sociais e o consequente exílio interno dos flagelados das secas, desassistidos ou assistidos insuficientemente por políticas públicas.

Palavras-chave: Migração; Secas nordestinas; Retirantes nordestinos; Identidade e histórias de vida.

ABSTRACT

Migratory flows related to the severe droughts in Northeast Brazil constitute a long-term phenomenon that demands new responses to contemporary problems, with a greater awareness of human responsibility for climate deterioration. This reflection aims to contribute to understanding this global problem, within the limited scope of the impacts of droughts on the Northeastern population, interpreted in light of popular literary sources. To this end, an interdisciplinary theoretical/methodological framework is adopted, centered on history and sociology, with a focus on the concept of migration, as seen through the lens of Abdelmalek Sayad and Pierre Bourdieu. The research follows the paths proposed, among others, by Josué de Castro, Isabel Cristina Martins Guillen, Géssica Amorin, and Pedro Henrique Barreto, to understand the role of social inequalities in policies to combat droughts and assist those affected. The empirical universe consists of migrants' life stories, recorded in popular Works – country songs, challenges, poems, and cordel literature – collected by folklorists such as Patativa do Assaré and Leonardo Mota. The findings indicate the consequences of the cataclysmic droughts for the working classes, with the deepening of social inequalities and the consequent internal exile of those affected by the droughts, unassisted or insufficiently assisted by public policies.

Keywords: Migration; Northeastern droughts; Northeastern migrants; Identity and life stories.